

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N. ^o á entrega
36 n.os	—	18 n.os	9 n.os	—
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	15900	8950	8120
Possessões ultramarinas, (idem).....	48000	28000	—	—
Estrangeiro (união geral dos correios).....	58000	28500	—	—
Brazil (moeda fraca).....	158000	78500	—	—

4.º ANNO — VOLUME IV — N.^o 96

21 DE AGOSTO DE 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco António das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.^o 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa, R. — India Portugueza, Porta da Cidade de Goa ou Arco dos Vice-reis, A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO — As nossas gravuras — Antiguidades do Algarve, BRITO REBELLO — Congressos Anthropologico

e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Apontamentos para a Vida do Diabo, DELFIN D'ALMEIDA — Architectos da Batalha e dos Jeronymos, ABEL ACACIO — Publicações.

GRAVURAS. — India Portugueza, Porta da Cidade de Goa ou Arco dos Vice-reis — Bellas-Artes, Na adega do Convento, esboçeto por C. Bordallo Pinheiro —

Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Real Observatorio Astronomico na Tapada da Ajuda — Antiguidades do Algarve, Cabeça de mulher encontrada nas Thermas de Ossonoba, Baixos relevos encontrados n'uma sepultura da Quinta da Torre d'Ares, Monumento de Milreu — Carlos Guiteau, auctor do attentado contra o presidente dos Estados Unidos — Caminhos de ferro Portuguezes, Caminho de ferro de Bougado a Guimarães — Enigmas



INDIA PORTUGUEZA — PORTA DA CIDADE DE GOA OU ARCO DOS VICE-REIS
(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

As horas em que escrevemos, o paiz espera ancioso que de dentro d'umas caixas de folha de Flandres, pelinamente envernizadas, a que a rhetorica politica dá pomposamente o nome de urna eleitoral, alcunha porque é conhecida na nossa constituição, saiam os deputados que representem nas camaras a vontade do paiz e a opinião popular.

O paiz espera ancioso é simplesmente uma phrase consagrada para estas ocasiões e que não significa inteiramente nada.

O paiz não espera nem ancioso nem tranquillo, o paiz o que faz ha muito tempo é não esperar.

Unicamente quem espera são os candidatos à deputação que tem alli a arder o seu dinheiro, e que esperam pelo que sae da urna, com a anciadade com que os jogadores da roleta esperam que a bola caia n'um numero.

Será no seu? n'aquelle que elles tem carregado d'ouro? Será no outro, n'aquelle que vai enriquecer o vizinho e fazer-lhes perder tudo o que apostaram?

Alguns, mais cautelosos jogam em dois e em tres numeros ao mesmo tempo, mas o peior é que a roleta é um jogo muito mais lícito, muito mais serio que o jogo eleitoral.

Na roleta a sorte manifesta-se abertamente, simplesmente sem auxilio de ninguem: no jogo eleitoral ás vezes ha quem ajude a sorte, quem pache a bola para um certo numero, e d'ahi protestos e reclamações que vão depois entreter a prodigiosa actividade do parlamento portuguez.

Ora, eu francamente, não percebo muito bem para que se fazem eleições, a não ser para fazer girar os capitais, para arejar muito dinheiro que anda para ahi arrecadado, aferrolhado, para dar certo incremento aos mercados vinicolas, e para animar a industria d'uns pobres diabos que não tem senão uma coisa para vender—o seu voto, e que se não fossem estas eleições de vez em quando morreriam de fome, porque o seu unico modo de vida é votar.

A não ser por estes motivos, muito louvaveis e muito attendiveis, de certo, porque no fim de contas é necessário que todos vivam, nós reprovavíamos completamente as eleições como inuteis.

Sim porque no fim de tudo para que servem as eleições? Toda a gente sabe quem são os eleitos do povo, segundo os varios governos que nos regem. Apontam-se a dedo, muito antes do sahirem da tal urna eleitoral.

Isto de eleições é como as *soirées* particulares. Cada governo tem os seus convidados.

Quando o conselheiro X dá uma partida já toda a gente sabe antes d'essa partida se efectuar, quem vai a ella. É o sr. A., o sr. B., o sr. C. que são as pessoas das suas relações intimas.

Quando o conselheiro Z. dá a sua *soirée*, sabe-se tambem já que os convidados serão o sr. F., o sr. G., o sr. H., porque são as suas visitas ordinarias.

Nas eleições acontece o mesmo.

Quando está no poder o partido regenerador, sabe-se perfeitamente que a vontade livre, consciente e imparcial do paiz, escolherá para seus representantes os srs. A, B, C, que são filhos, primos, sobrinhos, tios, e amigos dos ministros, quando esse partido cai, e as *redeas do governo* passam ás mãos d'outro partido a vontade imparcial livre e consciente do paiz escolhe imediatamente outros representantes, os srs. F, G, H, que são amigos, tios, sobrinhos, primos, e filhos dos novos ministros.

E assim successivamente.

Ora provado como está pela longa e triste experiecia, que o resultado das eleições é sempre este, era muito melhor acabar com as eleições, cada ministerio ter uma lista dos seus deputados como cada pessoa que dá bailes tem uma lista dos seus convidados, e quando abre as camaras, fazer o mesmo que o sr. conselheiro quando abre as suas salas, em vez de mandar listas aos administradores de conselho, aos go-

vernadores civis, e aos regedores de parochia, mandar convites ás pessoas de sua familia e relações.

O resultado era o mesmo, com a diferença de ser muito menos escandaloso e muito mais barato.

— O Porto deu-nos ha dias um espectaculo curioso e grandioso, um espectaculo de caridade ruidosa, que chamou áquelle cidade milhares de pessoas de fóra, que com a sua presença e com o seu obulo tornaram mais apparatosa a festa e mais avultada a esmola.

— O Furadouro, uma povoação de pescadores, composta toda de casas de colmo, foi devastada completamente por um incendio. O fogo pegou n'uma barraca, e ahi foram todas pelos ares, como casas de cartas quando se sopra uma.

Aquella povoação laboriosa, honesta e pobre amanheceu na maior das misérias, sem ter um bocado de pão para comer, um trapo para vestir, um buraco onde se abrigar.

A noticia d'esta grande desgraça alastrou-se por todo o reino, como o fogo se alastrára por toda aquella miseranda povoação, e de todos os lados do paiz se elevou um grito unanim de commiseração e de dó por aquelles pobres pescadores. A catastrophe era extraordinaria, e o Porto fez-lhe uma extraordinaria reparação.

Com uma rapidez incansavel, organisaram-se commissões, formaram-se bandos percatorios que correram toda a cidade, com uma grande pompa vistosa d'apparato, pedindo esmola para os desgraçados pescadores, que fechavam o cortejo imponente e brilhante, n'um carro, com os seus pittorescos trajes.

De Lisboa foi enorme concorrencia a essa festa de caridade, e toda a imprensa do paiz implorou a beneficencia publica para as victimas d'essa medonha desgraça, tornando-se notaveis entre todos esses artigos, as brillantes invectivas de *Chari-vari* no *Jornal da Noite* contra essa caridade que se expande diante das inundações e se retrae ante o fogo.

— Desde o dia 18 temos em Lisboa um hóspede real dos mais excentricos que tem posto o pé no solo lisboeta, é S. M. David Kalakana I, rei do Hawaii, archipelago das ilhas Sandwich, na Oceanía.

Os antecessores de sua magestade comiam gente, o rei actual alterou um pouco o menu dos seus antepassados e suprimiu d'elle essa entrada saborosissima de carne humana.

Fez bem o monarca mesmo porque o sr. Victor Sassetti proprietario do Hotel Braganza, onde S. M. se alojou ver-se-hia em serios embaraços para lhe servir esse delicado manjar.

O rei Kalakana não tem já essas exigencias de paladar; contenta-se com *linguado au gratin*, com filetes de vacca á jardineira, em vez de costeletas humanas e de miolos de philosopho; está profundamente civilizado, e em Paris os jornais apanharam os seus ditos e contaram as phrases amaveis que elle dirigia ás cantoras de opera comica e que não deixam de ter seu feitio galante.

Por exemplo, no theatro Dejazet, S. M. assistindo á representação das *Femmes de Paul Kock* notou o bouquet formoso que se ostentava no formoso collo de Jeanne Saignard, e designando-o ao seu camarista, disse-lhe:

— Levem-me aquelle ramo ao meu hotel, esta noite, com a jarra.

A saída do spectaculo o monarca de Hawaii mandou o seu lenço bordado de joias a M.^e Blanche Brébion.

A chronica diz que a virtude de M.^e Brebion saída intacta d'esta provocação princepesca.

Reenviou o lenço ao rei, mas guardou piedosamente os bordados.

Seguramente em Lisboa o rei Kalakana não fornecerá d'estes dados á chronica. Ainda não tivemos o gosto de ver S. M., procuraremos dar-nos esse prazer, e partilhal-o-hemos, o melhor que podermos, com os nossos leitores.

— Paço d'Arcos teve na segunda feira passada a sua festa marítima, a sua regata, que chama sempre ali grande concorrencia.

Nessa regata o barco vencedor foi a Altair do sr. Mooser.

O rio offerecia um lindo aspecto todo conselhado de barcos e de vapores.

O vapor Aurora do sr. França Netto, a pretexto de assistir á regata deu um encantador passeio no rio, sahindo a barra e indo até á baia de Cascaes, com um tempo magnifico e um mar de rosas.

— Annuncia-se ha immenso tempo no passeio publico uma festa extraordinaria, mas realmente extraordinaria, uma festa em Versailles, em que segundo dizem as folhas, o sr. Justino Soares aparecerá vestido de Luiz XIV.

Não sei se para mais espicaçar a anciadade publica este spectaculo tem até hoje ficado sempre addiado.

Nós achamol'o tão estranho, tão funambulesco que não acreditamos muito que elle se leve a effeito; mas se por acaso se levar, poderá faltar a elle toda a gente, menos nós se Deus não mandar o contrario.

Ao mesmo tempo annuncia-se para breve outra grande novidade no Passeio Publico, muito menos extraordinaria do que o sr. Justino Soares Sol, mas muito mais util; é a colocação d'um telescopio de grande alcance para quem quizer, mediante uma pequena quantia, gozar o soberbo spectaculo das estrelas.

Em Paris ha muito tempo que ha isto, em Lisboa é uma novidade que deve fazer effeito, porque no fim de contas nós que admiramos ahi tantas *estrelas* pelos nossos theatros cá debaixo, temos obrigação restricta de admirar com interesse as estrelas que ha lá por cima, no grande scenario azul.

Finalmente depois de muito anunciada e de muito contra annunciada, apareceu a troupe de cantores africanos.

Não veiu dos seriões d'Africa, como ao principio se disse. Veiu de mais perto, das esquinas do Rocio. A sua directora, a tal artista italiana, em que as folhas periodicas tanto falaram, essa é que não veiu. Perdeu-se na viagem; nos desertos d'Africa, ou na rua da Bitesga, não está ainda bem averiguado.

A troupe teve nos Recreios um *successo* que excede a expectativa geral. Deve porém dizer-se que essa expectativa geral era um *fiasco* tremendo.

Principia porque toda a gente tinha a desconfiança de que os pretos não eram pretos. Foi preciso até que o sr. Alvarenga, maestro, o affirmasse solememente, nos periodicos, para que o scepticismo do publico se abalasse um pouco e em muitos cerebros começasse a germinar a idéa da possibilidade de haver pretos realmente pretos, em Lisboa, aqui á mão de semear, ou antes de colher.

Nessa parte os pretos destruiram azevinhamente todas as suspeitas: são negros a valer, tão negros como se nunca tivessem feito na sua vida outra coisa.

O publico quando os viu no palco teve insensivelmente a idéa de molhar a ponta do lenço e de lhe passar pelas caras a ver se desbotavam.

Lá por dentro, nos bastidores, os pretos foram rodeados, como nunca o foram as coristas das companhias francesas que cá tem estado.

O publico queria-os ver ao pé para ver se aquella negrura era de pés de sapatos ou da cutis.

Quando o panno se levantou e os pretos apareceram, o publico convenceu-se então que elles eram pretos porque os não viu empalidecer de commoção.

E quando os ouviu applaudiu-os porque elles não cantavam mal, sobretudo para pretos.

Esta duvida sobre a cor verdadeira dos pretos faz-me lembrar uma historia authentica d'um jovem africano que esteve ha pouco tempo em Lisboa.

Quando cá esteve andou pelos theatros, mas notou que todos os pretos que apareciam nas peças eram brancos pintados de negro. Note-se que este jovem africano não viu representar o Luxo no theatro de D. Maria. E faço esta nota

porque no ultimo acto do explendido drama de Antonio Ennes entrava um preto que era um preto a valer. — A empreza tinha um grande orgulho n'esse preto authentico, que todos tomam por um falso preto, menos nós que o vimos ao pé. Mas como dizia o joven africano vai para a sua terra e acontece achar lá uma companhia de brancos a representar.

Na primeira noite o joven africano vai ao palco com uns ares espertalhões de quem tem viajado muito e diz:

— A mim não me embaçam vocês.

Principia a esfregar furiosamente com um panno a cara de todos os actores: estava convencido que eram todos pretos, pintados de branco.

GERVASIO LOBATO.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

LE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA

Por decreto de 22 de junho de 1881, foi determinada a celebração de uma *Exposição retrospectiva de arte ornamental* em Lisboa, isto é de todos os productos de arte ornamental, considerados como produzidos em Portugal e Hespanha anteriormente ao seculo xix.

Esse pensamento assaz importante para a historia da arte no nosso paiz, parece-nos posto em execução um pouco prematuramente, em vista da falta de estudos previos, por isso que em muitos pontos labora-se em duvidas, pouco examinadas umas, difficiles de solver outras, e sobretudo pela falta de individuos exclusivamente dedicados a assumtos archeologicos, cuja critica possa fazer auctoridade. Em geral os nossos archeologos são mais *curiosos*, que homens do *metier*, o paiz é pequeno, as nossas coisas são pouco visiveis, e portanto n'um momento dado, tudo são revellações, e por isso tudo são problemas a resolver.

A prova do que acima dizemos está no elenco dos membros da grande comissão, onde a maioria, aliás pessoas respeitaveis, e da maxima importancia em outros ramos, não se percebe qual a sua competencia n'este. No nosso paiz os governos entendem que certos homens hão de ser para tudo, e por isso uma grande parte para nada serve.

Não trataremos da questão de edificio, que a politica já explorou em seu proveito, só diremos que com a importancia do aluguer do palacio, e com as despezas que n'elle se estão fazendo e se farão para o tornar *soffrivel* para o fim a que é destinado, se podia fazer obra perfeita e que ficasse pertencendo à nação. Mas, já a outros propositos se tem dito aqui, em coisas de arte e de sciencia é um milagre ver os nossos governos seguirem um principio, uma norma sensatas e de boa administração.

Acceitemos os factos como estão, e congratulemo-nos com a nação por todos, com rarissimas excepções, corporações e particulares, terem accedido ao appello da comissão. As riquezas e preciosidades, já hoje entregues à comissão são immensas, e as que se coligem ainda prometem ser valiosissimas, e decerto d'este concurso se colherá mais algum resultado, do que, como dizem pragentos, os reparos do palacio do Marquez de Pombal.

Bas-a considerar a noção de respeito que a exposição pôde espalhar, com relação aos artefactos antigos, para ao menos se colher o resultado da conservação dos restos que aparecem.

São admittidas á exposição:

1.º *Obras de ourivesaria, metaes preciosos e joias*: quer sejam alfaias do culto, como custodias, calices, cruzes, pixides, porta pazes, cas-

tiças, campainhas, thuribulos, navetas, reliquarios, lampadas, baculos etc.; quer sejam de uso domestico, como jarros, gomis, salvas, bacias, fruteiras, urnas, molduras, bandejas, taças, peças de baixella, de toucador etc. quer sejam adornos pessoaes, como brações, collares, pulseiras, broches, fivellas, botões, cadeias, condecorações etc.

2.º *Obras de metaes não preciosos*, em serralheria: portas, grades, fechaduras, cofres, aldravas, estantes, candelabros etc.; em bronzes e outras ligas metalicas: bacias, candeeiros, pratos, marcos, campainhas etc.

3.º *Estatuetas, bairros releros, imagens etc.*, em marmore, marfim, barro, madeira e cera.

4.º *Armas, defensivas*: escudos, guantes, cotas, gibanetes, adargas cervilheiras, solhas, etc., *offensivas*: espadas, adagas, montantes, massas, lanças, alabardas, punhaes, arcabuzes, pistolas, mosquetes etc., e todos os utensilios de caça.

5.º *Tudo o que respeita a vehiculos*, trens, arreios, estribos, sellas, coldres, telizes, etc.

6.º *Ceramica, vidros e esmaltes* desde a época hispano-arabe, incluindo porcelanas estrangeiras, parecendo do programma que as asiaticas não são estrangeiras, azulejos, etc., garrafas, pratos, frascos etc.

7.º *Mosaicos*.

8.º *Obras de tartaruga, cofres, etc.*

9.º *Mobilia* quer de uso domestico, quer relativa aos usos religiosos, incluindo moveis de charão da India e Japão.

10.º *Relogios e instrumentos de precisão* que se tornem notaveis pela sua ornamentação.

11.º *Instrumentos de musica*, idem.

12.º *Tecidos e bordados*: paramentos e alfaias do culto de brocado, lhama, ou seda; — tapetes, colchas, vestuarios antigos, leques, bordados, rendas, passamanos etc.

13.º *Encadernações*: em couro, metal, pergamino ou madeira.

14.º *Miniaturas*.

15.º *Revestimentos de sala, pannos d'Arras, pintados, papeis*.

16.º *Couros estampados, pintados, dourados ou prateados*.

17.º *Manuscriptos illuminados*.

18.º *Desenhos, modellos e photographias de obras decorativas*.

D'este resumo que fazemos se pôde colligir a importancia d'esta exposição e as vantagens que ao aperfeiçoamento da arte nacional ella pôde trazer.

Oxalá que os esforços de todos os que trabalham de boa vontade sejam coroados de bom resultado, e nós não faltaremos a reproduzir nas nossas paginas o que nos parecer mais notavel.

R.

dor da India, em 21 de dezembro do mesmo anno, na sala do senado, já Diogo do Couto, no discurso que pronunciou n'essa occasião, alludiou á estatua de Vasco da Gama, collocada na principal porta da cidade, o que prova que toda aquella obra foi planeada e executada em seis meses.

D. Francisco da Gama era orgulhoso; procurando dar o primeiro logar, como conquistador do Oriente, a seu visavô, e tornando secundarios os feitos gloriosos do grande Albuquerque, cuja memoria o povo muito venerava, deu causa a parte dos desgostos que sofreu no seu governo. Quando, depois de substituido, se preparava para embarcar para a Europa, entre outras desfeitas que lhe dirigiram, derribaram do noite a estatua de Vasco da Gama, que ficou em pedaços, indo collocar a cabeça e as mãos no pelourinho, e da execução d'esta afronta, inculpou Faria e Sousa o engenheiro francez Sébastien Tibeau, muito dedicado aos inimigos do conde admirante, e, provavelmente como oficial do mesmo officio, rival irreconciliável de Julio Simão. D. Filipe II, na carta regia de 24 de março de 1608, em que mandou tirar devassa do insultuoso crime, mostra não aprovar que D. Francisco da Gama tivesse influido para alli ser collocada a estatua do seu visavô. O senado de Goa ordenou que fosse posta em seu lugar a de Santa Catharina, e em sessão de 9 de dezembro de 1609, resolueu o mesmo senado da Camara, que se mandasse fazer nova estatua do primeiro conde da Vidigueira, para ser collocada onde a cidade a havia já posto; e para a de Santa Catharina, que existia no dito portal, se construisse outro nicho mais alto no arco, conciliando assim a homenagem ao descobridor da India, e à padroeira da cidade.

Neste sentido foi dirigida a petição ao vice-rei Rui Lourenço de Tavora, que a deferiu em 11 do referido mes e anno.

Diogo do Couto preparou o discurso para o dia em que se tornasse a inaugurar a estatua do primeiro almirante do mar das Indias, e ahi allude tambem á colocação da imagem de Santa Catharina.

Não podemos encontrar o resultado das syndicacias a que se mandou proceder para descobrir os autores do attentado contra a estatua de Vasco da Gama, nem tão pouco achamos mencionada a epocha em que foi de novo posta sobre o arco, para o que tiveram de cortar o frontão e formar ahi outro nicho, onde está sobre uma prancha a figura em bronze dourado, da Santa, e no frontão em que também termina este terceiro corpo foi colocado o escudo das armas portuguezas.

Este enxerto devia ter sido efectuado no começo do segundo vice reinado de D. Francisco da Gama (1623 a 1637), se o não foi alguns annos antes.

Pyrard conta ter visto pintadas no arco as guerras em que os portuguezes haviam entrado no Oriente, até ao tempo em que alli esteve, mas hoje não se encontram vestigios de tales pinturas, e apenas varias inscrições feitas pelos visitantes.'

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

NA ADEGA DO CONVENTO

Esboceto de Columbano Bordalo

O assumpto d'este esboço do intelligent artista que está agora em Paris completando o seu estudo de pintura, não é novo mas está bem tratado. A adega é um dos sitios onde melhor se pôde estudar a vida dos conventos, é ahi n'esses enormes toneis cheios do melho vinho, que se vae encontrar o effeito dos dízimos que os piedos monarcas decretavam para os frades, e que elles aproveitavam com tanta sciencia e tanta consciencia.

Todo o que n'esses tempos havia de melhor o superior vinho dos lagares das cercanias, os melhores fructos dos pomares, as melhores hortaliças das hortas, a melhor criação das capoeiras, era arrecadado ávidamente por esses nediós frades, que engordavam na penitencia e na austerdade das suas regras, e que viviam a vida regalada e ociosa, que enriqueceu a sabedoria das nações com mais um proverbio.

O esboço de Columbano Bordalo está bem composto, na obesidade do frade que dá o vinho a provar ao seu irmão, está caracterizada toda a vida do convento.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL O REAL OBSERVATORIO METEOROLÓGICO DE LISBOA

Representa a nossa gravura o Real Observatorio astronomico visto do sueste. Este edificio, cuja fundação se deve á illustrada e magnifica iniciativa de el-rei o sr. D. Pedro V, é sem duvida um dos mais elegantes e bem construidos que existem em Portugal e, por fortuna, ficou situado de modo que aos estrangeiros que entram no Tejo, logo se lhes depara esta magnifica construção e conseguintemente a noticia de que possemos um estabelecimento scientifico que nos faz honra aos olhos das nações mais cultas.

¹ Extractado do III tomo da *Descrição geral historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, que trata da India, e onde este assumpto vem mais desenvolvido e documentado a pag. 44 e 184.

REINADO ELR. D. PHELIPE POS A CIDADE AQVI DOM VASCO DA GAMA I.º COMENDADOR ALMIRANTE DESCOPRIDOR E CONQUISTADOR DA INDIA SENDO VIZINHO REI O CONDE DOM FRANCISCO DA GAMA SEU BISNETO O ANO D'97.
IVLVS SIMON ING. MAG. INV.

A frente do monumento é toda de cantaria escura, e nos lados tem como apoio grossas muralhas, como melhor se observa na estampa copiada de uma photographia.

A legenda diz que esta obra foi levantada em 1597 por influencia de D. Francisco da Gama, a expensas da cidade, e delineada pelo engenheiro-mór Julio Simão. Tanto este como o conde almirante chegaram a Goa em 22 de maio de 1597, e ao inaugurar-se o retrato do descobri-

Está edificado o Real Observatorio n'um planalto da tapada da Ajuda, a E. do palacio real e tem de todos os lados o horizonte suficientemente desafogado, como convém a estabelecimento de tal natureza. A sua construcção é muito similar à do famoso observatorio de Pulkowa, perto de S. Petersburgo, não só quanto ao aspecto exterior, mas também quanto á disposição das salas de observação.

Compõe-se o Observatorio de um corpo central, octogonal, com dois pavimentos, encimado por uma cupula de ferro e de quatro corpos de um só pavimento, ligados ao corpo central e correspondendo aos quatro pontos, cardinais. O corpo do lado do sul compõe-se do elegante portico que se vê na nossa gravura, do vestibulo onde se guardam diversos instrumentos auxiliares, de um quarto onde estão as pilhas que fazem funcionar os apparelos electro-chronometricos, e das communicações para os pavimentos inferior e superior do corpo central e para o subterraneo. O corpo do lado do norte comprehende uma grande sala de observação onde estão collocados o zygometro e o instrumento de passagens pelo primeiro vertical, que foi fabricado na casa Repsold, de Hamburgo, conforme ás indicações de W. Struve, director do Observatorio de Pulkowa. Os corpos de leste e de oeste constam cada um de duas salas, uma para observação e outra para cálculo. Na sala de observação de leste está colocado o instrumento de passagens transportavel fabricado nas officinas de Repsold, conforme os desenhos do sr. F. A. Oom, director do Real Observatorio, e na sala de oeste funciona o círculo meridiano, também de Repsold.

O corpo central compõe-se no pavimento inferior de uma elegante sala circular limitada por oito fortíssimos pilares de alvenaria, ligados entre si por meio de arcos, que sustentam uma abobada, hemispherical sobre a qual assenta o grande equatorial. Esta sala é circundada por uma galeria octogonal que comunica com os quatro corpos já considerados. O pavimento superior compõe-se de uma galeria correspondente á do pavimento inferior. Essa galeria, que serve de Biblioteca, circunda uma parede de forte construção, também octogonal, que é o prolongamento vertical da arcada inferior. Esta parede, que excede o telhado do corpo central, acima do qual toma a forma cylindrica, serve

BELLAS-ARTES



NA ADEGA DO CONVENTO — Desenho de Columbano Bordalo Pinheiro

(Desenho do mesmo autor)

de base á cupula que abriga o grande equatorial.

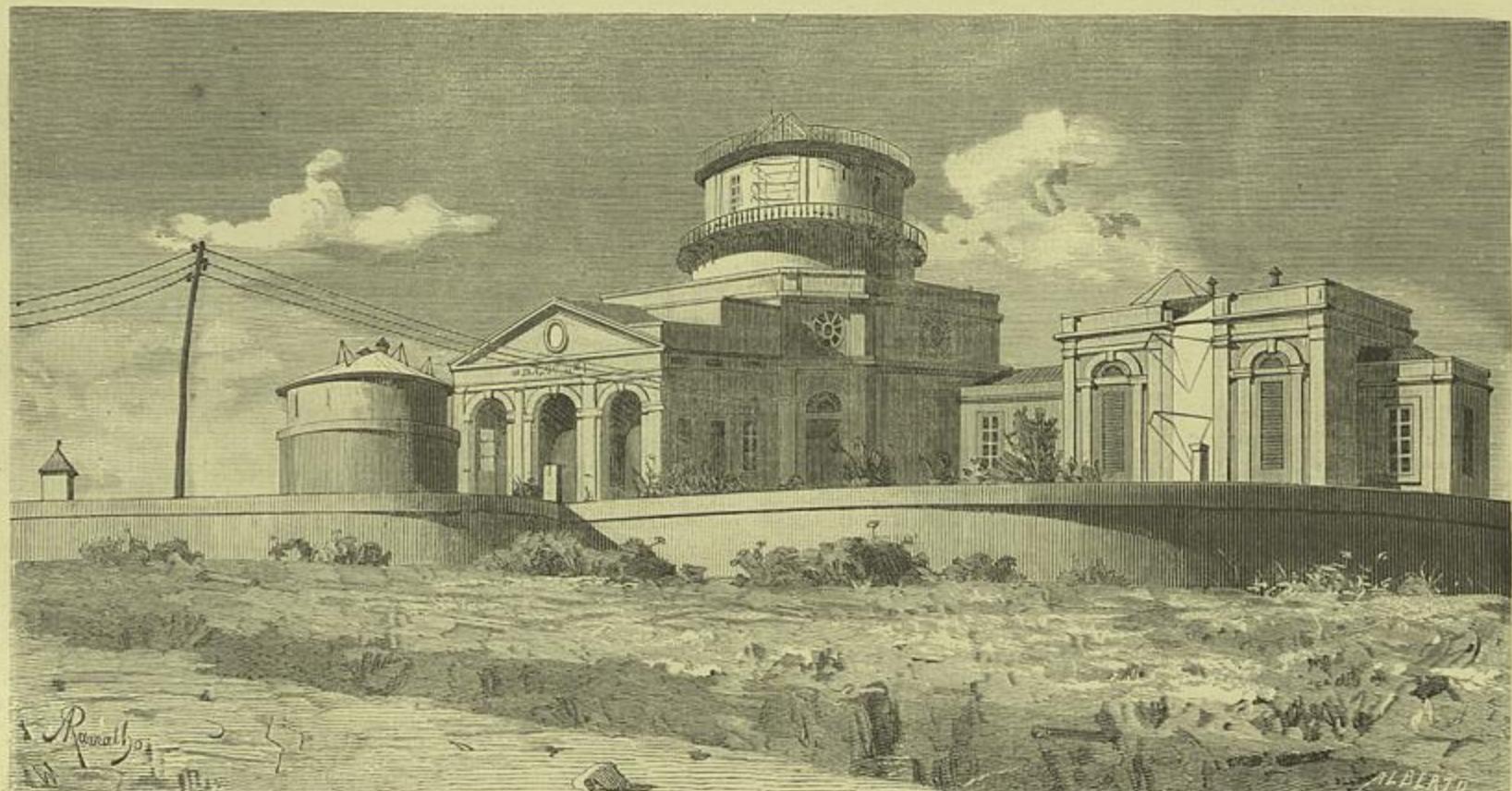
A cupula, toda de ferro, pesa 30:000 kilogrammas e, por meio de um engenhoso apprelio, move-se circularmente com o simples esforço de uma das mãos.

As salas de observação do pavimento inferior são interiormente forradas de madeira e tem como a cupula, no tecto e nas paredes tampones que se abrem facilmente, deixando ver largas aberturas, através das quais se fazem as observações. Ao centro das salas estão os pilares de cantaria, sobre que assentam os instrumentos. Estes pilares tem fundamentos especiais, isolados dos do edifício, para que quaisquer vibrações d'este não se transmittam aos instrumentos.

O material scientifico do observatorio é o mais perfeito e completo que se pode exigir, apesar da falta de recursos pecuniarios contra a qual o estabelecimento tem sempre lutado. Teem-se gasto em instrumentos cerca de quarenta contos de réis, trinta dos quais foram dados por el-rei o sr. D. Pedro V. Um dos instrumentos mais perfeitos do observatorio é o grande equatorial, cuja lente tem 15 pollegadas de diâmetro e custou aproximadamente nove contos. Para reparação dos seus instrumentos tem o observatorio uma officina especial.

A biblioteca do observatorio não pôde por enquanto ser considerada de primeira ordem, porque são necessários muitos annos e considerável despesa para reunir as publicações de uma sciencia tão vasta como a astronomia e das que lhe dizem respeito. Contudo a biblioteca do observatorio possue mais de 3:000 volumes, principalmente de sciencias astronomicas e mathematicas, e conta, entre outros livros dignos de menção pela sua importancia ou raridades, as obras do nosso immortal Pedro Nunes.

O observatorio foi edificado com as maiores condições de solidez e de estabilidade, superior á estrada e suficientemente distanciado d'ella para que o movimento das carroagens não produza a mais leve vibração nos instrumentos. A explanada em volta do observatorio é ajardinada, para evitar a poeira, tão prejudicial á conservação dos instrumentos como á exactidão das observações. Nessa explanada, a SE e SO do portico existem duas pequenas torres circulares com cupulas girantes, para observações com instrumentos transportaveis.



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — REAL OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE LISBOA NA TAPADA DA AJUDA

(Desenho do natural por Antonio Ramalho)

**O ATTENTADO
CONTRA O PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS
POR CARLOS GUITEAU**

No dia 4 de julho passado, o presidente dos Estados Unidos, o general Garfield, de quem o OCCIDENTE deu o retrato e a biographia em tempo¹, quando entrava na gare de Baltimore de Potomae para ir a Long Branch ter com sua esposa, recebeu dois tiros de rewolver, pelas costas, disparados por um homem que entrara na gare minutos antes.

O presidente que ia acompanhado por um dos seus ministros, o sr. Blaine, recebeu o primeiro tiro que o feriu no ombro e continuou a andar, mas ao segundo, cuja bala lhe entrou nos rios, caiu de bruços, enquanto o seu assassino procurava inutilmente fugir para a rua.

Estendido sobre um cobertor na sala da estação, o presidente sofreu logo ali o primeiro tratamento, o seu estado era gravíssimo. Transportado depois para o palácio, a sua vida esteve em risco muitos dias, depois melhorou, depois tornou a recair, e ainda hoje, depois de meio e meio, o seu estado inspira sérios cuidados.

O assassino, Carlos Guiteau, d'origem francesa, nasceu em Freeport em 1841. É alto, cabeça pequena e coberta com uma floresta de cabelos escuros, cara comprida e estreita, nariz delgado, um pouco curvo na extremidade, olhos pequenos e profundamente encovados, sob umas sobrancelhas espessas.

Seu pai Lutero Guiteau era um homem honradíssimo, e foi caixa do segundo banco nacional, e director dos correios no tempo do presidente Harrison. Seu filho,

¹ Vide OCCIDENTE n.º 71, 3.º vol. 1880.



CABEÇA DE MULHER
ENCONTRADA NAS THERMAS DE OSSÓNABA

segundo as informações, não tem a mesma reputação de probidade.

O motivo que o levou a commetter o crime cobarde que pôz em risco a vida do general Garfield, diz-se geralmente que foi a loucura, a monomania da celebriade, como Erostrato.

Outra versão faz d'elle um fanatico politico, um *illuminado*, e uma terceira atribue o crime ao desespero de se vêr pobre e ter corrido atraz de todos os empregos sem nunca obter algum.

Parece que em todas estas versões ha um poucochinho de verdade. Dos interrogatórios de Guiteau vê-se evidentemente que elle não tinha razão alguma pessoal contra Garfield. — O motivo predominante que o levou a tentar assassinar o presidente, julga-se que foi um motivo politico, suprimir o general Garfield para que a presidencia dos Estados Unidos fosse recarregar no vice-presidente Arthur Chester, dando assim a unidade ao partido republicano, cujas duas *nuances* são representadas pelo presidente e pelo vice-presidente.

Entretanto atraz d'esta idéa politica havia fatalmente uma idéa pessoal d'interesse proprio, idéa que justifica a acusação de loucura, porque evidentemente depois de assassinar Garfield, Guiteau não podia esperar que d'essa morte lhe resultasse proveito algum pessoal.

CAMINHO DE FERRO DE BOUGADO A GUIMARÃES

Quando se achava já em costrucção o caminho de ferro do Minho organisou-se no Porto por 1874 ou 1875, uma companhia para construir um caminho de via redusida de Bougado a Guimarães.



BAIXOS RELEVOS ENCONTRADOS N'UMA SEPULTURA DA QUINTA DA TORRE D'ARES

Satisfazia esta concessão, que o governo fez, á imperiosa necessidade de ligar o coração da província do Minho, com a grande arteria da circulação do paiz. A densidade da população n'esta província proximamente igual á da Belgica, onde ha alguns estabelecimentos industriais e thermaes de importancia promettiam á companhia prosperos resultados.

Não era porém passado muito tempo e a companhia avocando a si alguns capitalistas ingleses, constitua com outros individuos uma nova companhia, sob o titulo de *Minho District Railway Company*, a qual formulou um programma em que se prometia não só a construção d'aquelle caminho, mas de outros que iriam ligando os pontos mais importantes da província, e por ventura a communicação com Traz-os-Montes.

Efectivamente encetaram-se trabalhos, e ou porque os capitais estrangeiros não eram tao como se dizia, ou porque a crise bancaria do Porto a isso desse lugar, o certo é que a companhia falia passado algum tempo,

e os trabalhos paralisavam.

Pelo meiado, porém, do anno passado organisa-se uma nova companhia, cujos estatutos aprovados por alvará de 18 de agosto eram publicados no *Diário do Governo* de 30 de setembro, depois de lhe haver sido feita a concessão para a construção d'aquelle caminho por decreto de 5 de agosto, publicado no *Diário do Governo* de 9, tambem do anno passado.

Apenas organizada comprou a companhia á fallida compagnia inglesa 7 kilometros já por ella construidos, d'onde se originou um litigio, levantado pelo empreiteiro d'esta à curadoria da massa fallida, litigio que durou algum tempo, e tem embarcado o andamento dos trabalhos, mas que, resolvido finalmente, deixa a companhia na plena liberdade de levar á frente a sua empresa. Se é verdade, como nos asseguram, que a companhia tem os melhores desejos, e os accionistas estão cheios de fé e de energia, esperamos ver em breve concluído tão importante melhoria.

Sabemos que a companhia aproveitou este



MONUMENTO DE MILREU
ANTIGUIDADES DO ALGARVE

marasmo e interrupção, para fazer os estudos definitivos e completos do caminho, e seu orçamento, o que levou a cabo o habil engenheiro Alvaro Alão Pacheco, sabendo-se por isso hoje de certeza que a importancia total da despesa a fazer com toda a construção, incluindo o estabelecimento da linha, expropriações, juncção até à Trofa, estações, apeadeiros, linha telegraphica, material fixo, circulante e de tracção, com todas as mais despesas eventuais e imprevistas não excede a 400:000\$000 contos de réis.

O caminho é de uma só via, de um metro de largura, não excedendo o maximo declive a dezoito milímetros, tendo a curva mínima 195 metros de raio; não tem obras de arte custosas, e aproveita as disposições das mais vias de comunicação ordinaria, para commodo acesso ás suas estações e apeadeiros.

A directriz d'este caminho de ferro parte da estação da Trofa, no caminho de ferro do Minho, a 23 kilómetros da cidade do Porto; percorre 2 kilómetros no leito d'este, passa o rio Ave na ponte da Trofa, aproveitando a margem direita d'este rio até Santo Thyrso, e d'ali á foz do Vizella, onde torna a atravessar o Ave n'uma ponte de 30 metros de vão. Continua depois seguindo o vale do Vizella até ás Caldas, aproveitando o Valle do Magdalena, para assim ganhar Guimarães. A sua extensão total é de 34 kilómetros, desde a Trofa, ou de 32 desde o encontro em Lousado, dos quais já se acham, como dissemos, 7 kilometros quasi concluidos até Santo Thyrso.

Como referimos a parte que atravessa é rica e de população densa. Serve a importante villa de Santo Thyrso, e muitas freguesias populosas. Facilita os meios de transporte a grandes estabelecimentos fabris, entre elles a fabrica de S. Thomé de Negrellos e muitas de algodão, de papel, e de nogueira, e a comunicação com as concorridissimas e proveitosas Caldas de Vizella, o estabelecimento thermal mais consideravel da província de Entre Douro e Minho, terminando em Guimarães, cidade de bastante importancia, rica e industrial e centro de uma zona igualmente industriosa. Guimarães é a estação terminus d'este caminho e a passagem quasi obrigada do movimento e tráfico entre esta província e a de Traz-os-Montes.

Acham-se em construção as 1.^a e 2.^a secções, na extensão de cerca de 17 kilometros, aprovadas por Decreto de 16 de março ultimo; e brevemente começará a construção da 3.^a entre Vizella e Guimarães, cujo projecto está já afecto ao governo desde 22 de fevereiro do corrente anno.

Para abreviar os seus trabalhos, deu a companhia a construção por empreitada dentro do prazo de doze meses, salvo a 3.^a secção por falta da aprovação necessaria, e isto não obstante haver tomado posse da parte em litigio apenas a 16 de julho ultimo, tendo dado no entanto começo nos trabalhos de Santo Thyrso para Vizella, no meio do regosijo das povoações.

Se nenhum outro embaraço s'brevier, e a companhia, sem descurar os seus interesses, tratar de servir o publico com a maxima attenção, commodidade e desvelo, o que não é muito usual nas companhias portuguezas, anguramos lhe um prospero futuro, bem como á provincia, cujo desenvolvimento industrial vai de certo desinvolver e activar, quebrando-se assim a especie de encantamento ou feitiço com que parecia haverem embruxado aquelle tão util, tão desejado e tão importante melhoramento. A planta de pag. 192 indica a linha de que acabamos de tratar.

ANTIGUIDADES DO ALGARVE

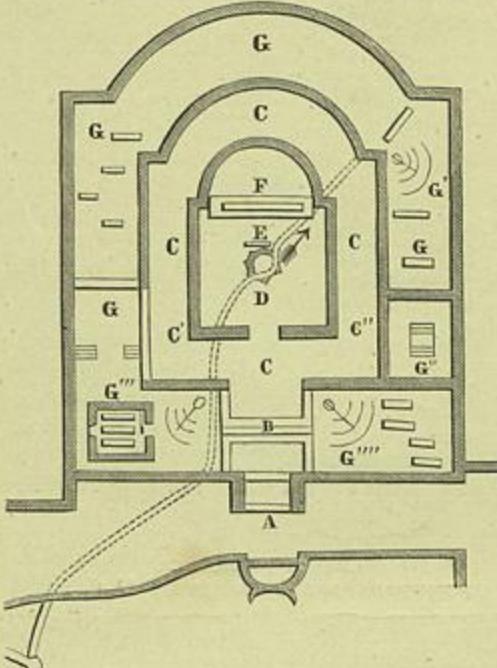
MONUMENTO DO MILREU

No concelho de Faro, Algarve, a carta distancia da freguesia de Estoi existe a quinta do Milreu, propriedade do sr. Manuel José de Sárria Tavares Garfias Torres. É n'esta quinta que existem as preciosas ruinas, de que a nossa estampa dá hoje um fragmento, pertencentes de certo á antiga cidade d'Ossónoba, que abrangia não só a quinta, mas uma area assaz considerável.

Este monumento é sem duvida o mais notavel das ruinas do Milreu, e talvez no seu genero unico ainda parcialmente visivel em todo o paiz. Ocupa todo o edifício, como demonstra a planta junta, feita na escala de 1 por 2.000, uma area superior a oitocentos metros quadrados. Acha-se construido em dois pavimentos, determinados por duas ordens de claustros que o circumdam, um em plano inferior, outro em plano superior adjacente ao corpo central, sendo todos tres corpos perfeitamente paralelos entre si. Era atravessado do angulo de NE. ao de SO. por um grosso cano de chumbo, que corre alguns centimetros abaixo do pavimento inferior e que recebia agua de um receptáculo a alguma distancia, no ponto que a planta indica. O eixo longitudinal de N.E. a S.S.O. tem 32m.50 de extensão, o eixo transversal mede 25m aproximadamente, e o edifício termina em forma de hemisferio.

A entrada do edifício A era coberta por uma soleira de cantaria, em cujos extremos se notam umas cavidades circulares onde giravam os cancellos, tendo adiante uma pedra rectangular, onde seriam colocados os batentes fixos. D'ali passava-se por uma escada B de tres degraus de pedra de 5m.85 de largura para o claustro superior C e para o corpo central, que mede interiormente 11m.30 de comprimento, contando com o remate semicircular, e 7m.50 de largura. Tinha no centro uma piscina ou baptisterio de forma hexagonal, D externamente revestida de laminas de marmore branco polido de Italia, de marachetaria de varios marmores e talvez de mosaico de vidros corados, que se achou em abundancia disperso n'aquelle e outros logares, não se podendo já perceber qual fosse o revestimento interno. Junto á piscina para o lado do hemisferio descobriu-se a pouca fundura um jazigo forrado de tijolos, E com muitos fragmentos de

varios marmores, tendo 1m.65 de extensão, 0m.65 n'um dos topos e 0m.40 no outro. Continha apenas alguns ossos humanos, mostrando haver já sido invadido.



Atravessando a entrada do hemisferio havia uma grossa muralha, encerrando um ossario F de 3m.95 de extensão por 0m.50 de largura e 1m. de profundidade, construído de tijolos sobrepostos em fendas horizontaes. Os ossos já deteriorados, mostravam pela sua quantidade ter pertencido a mais de dois individuos. Não se encontrou objecto algum que possesse inculcar enterramento pagão.

Um dos lados do claustro superior, G' accusou a base de tres columnas, sendo de presumir que as houvesse no lado opposto C'. Os muros do claustro inferior G denunciaram internamente um rico revestimento de preciosos mosaicos de variados ornatos, especialmente de peixes, moluscos, monstros marinhas, etc.

O pavimento d'este claustro outrora belissimo era coberto de sepulturas mostrando enterramento por inhumação, sem denunciar usos gentilicos. De uma sepultura G' extrairam-se aneis, arracades e um bracelete de cobre com lavor de ponça, como tinham os adornos femininos achados nas sepulturas christãs de Marim.

N'outra parte havia um ossario de alvenaria G'' em forma de piscina, tendo em cada topo tres degraus internos e no fundo os ossos de uma pessoa de tenra idade. Descobriu-se uma casa com seu nicho G''' ao fundo, rodeada de marmores polidos junto ao pavimento, mas que parecem já provir de outro edifício. Tres sepulturas havia ali com ossos muito deteriorados. Em outra poren G''' achou-se um esqueleto perfeitamente conservado.

O corpo central é externamente revestido de fendas horizontaes de tijolos. No fundo semicircular conservam-se em toda a altura as grossas paredes, que medem 6m.80 desde a sapata até á corajia, tendo 2m. d'aquella ao cabouco. Percebe-se que uma abobada semicircular cobriu o claustro superior, do mesmo modo que d'este partia outra para unir o do inferior. O hemisferio conserva ainda um quarto de esfera da abobada, o que prova quo todo era por ella coberto. O material empregado na construção é todo de tijolo ou barro cosido, afectando em partes os ornatos de ovulos, cordões, e dentículos nas partes convenientes.

Ha outro edifício de forma proximamente similar na quinta de Marim, concelho de Olhão.

Que edifício era este? qual o seu destino? a que serviria? O sr. Estacio da Veiga inclina-se a que fora templo christão e promete em occasião opportuna discutir e tratar o ponto, com a sua habitual lucidez.

Levam a acreditar n'isso não só os objectos encontrados, e de que falamos acima, mas muito principalmente um fundo de vaso de vidro alli encontrado, tendo no centro o X, monogramma de Christo dos primitivos tempos christãos, ladeado de duas pombas, symbolos todos christãos, um baixo relevo de um plinto onde se representam duas pombas bebedoras de um vaso, e ainda fragmentos de mosaico, representando peixes, tambem caracteristico do symbolismo christão.

Escusado será dizer q-e todos estes objectos são do museu do Algarve, e que todas estas notas e objectos nos foram patenteados com a maior amabilidade pelo seu criador e collector o sr. Estacio da Veiga.

CABEÇA DE MULHER ENCONTRADA NAS THERMAS DE OSSÓNOBA

Como dissemos acima, Estoi é talvez a parte do paiz que encerra os mais vastos vestigios do alto grau a que chegou a civilisação da nossa terra nos tempos que seguiram á dominação romana. O edifício que acima descrevemos, e nomeadamente as thermas, talvez as mais vastas que se hajam descoberto em terra de província, denunciam a grandeza d'Ossónoba, que todos os escritores, ainda mesmo no tempo do domínio arabe, nos pintam como uma cidade onde se acumulavam todos os primores e esplendores de uma elevada civilisação. São muitos os documentos que o comprovam, recolhidos na parte explorada pelo infatigável disselvo do sr. Estacio da Veiga, e essa exploração devia ou o governo, ou a respectiva junta geral e camara municipal mandar-a concluir, antes que a gente rude devaste o que ainda ha a aproveitar.

Foi n'essas thermas e junto á entrada lateral do norte, na parte que parece ter sido destinada aos banhos do sexo feminino, que foi encontrada a bella cabeça que a nossa gravura representa. É de marmore granuloso branco, fino, talvez de Italia e representa uma dama de fisionomia correctas, com o penteado levantado na frente por um diadema formado de uma tripla cadeia. Existe apenas a cabeça e parte do collo, faltando o resto do busto. Seria esta de alguma imperatriz que alguém collocasse n'aquelle lugar? não se pode saber; o que se conhece é ser representação de uma dama de alta qualidade e de formas perfeita regular.

BAIXO RELEVO

ENCONTRADO NA QUINTA DA TORRE D'ARES

Segundo o sr. Estacio da Veiga é no concelho de Tavira que existiram os povos baleenses e por tanto a cidade de Balsa, da qual assegura serem restos as ruinas encontradas na quinta da Torre d'Ares, da freguesia da Luz, d'aquelle concelho.

Foi n'uma sepultura d'essas ruinas, onde havia ainda ossos pertencentes a mais do que um individuo, e onde também se achou uma serpente de chumbo, que se encontrou o baixo relevo que representa a nossa gravura.

Tem de singular esta obra de arte ser dupla, isto é ter duas faces, representando cada uma duas cabeças uma de homem, e outra de mulher. No primeiro os rostos tem certa expressão que indica mocidade e ventura, no segundo a expressão dos rostos é carregada, e parece que algumas rugas lhes avelhantaram as faces. Representaria o duplo baixo relevo duas épocas da vida de certos conjuges, na juventude e radiantes de prazer, e depois ao descerem á campa na idade senil? ou quereriam representar a sua primeira época de felicidade e depois o tempo da desventura que lhe cortou as esperanças mais fagueiras?

E' mais razoavel a primeira hypothese, e em todo o caso é um notavel specimen da vida dos nossos antepassados na época romana.

BRITO REBELLO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

O sr. Martins Sarmento, o notavel archeologo explorador das Citanias de Briteiros e Sabroso, convidou os congressistas a visitarem aquellas ruinas, hospedando todos os que ali foram com a galardia e bisarra proprias do um cavalheiro portuguez de outros tempos. A viagem que os congressistas fizeram ao norte do paiz é descripta, por aquelles que a fizeram com as cores mais vivas, e com o entusiasmo mais sincero, e, sejamos frances, naturalmente com um certo espanho, por não terem achado no paiz nenhum dos caracteres ethnograficos que tão graciosamente lhe atribuem, nomeadamente Eliseu Reclus.

Foi grande a impressão que causou nas congressistas a recepção e festejo que lhe fizeram no Porto e Praga. Depois da indispensavel demora n'esta cidade, partindo de manhã, gozaram durante duas horas, como dizem os srs. Cartailhac, Virchow e outros, uma extensa vista sobre uma região magnifica, desdobrada em vales fundos, verdejantes, semeados de quintas e propriedades agricolas, e de casinhas, separadas por montanhas mais ou menos arborisadas ou cobertas de matto. A medida que se aproximavam do fim da sua viagem, as povoações prevenidas ladeavam as estradas, e as aclamações, os foguetes, tão estimados dos nossos provincianos, e os discursos, felizmente cortos, das autoridades e camaras municipais, deixaram-lhes perceber que o paiz, se não é muito instruido, tem um povo muito mais civilizado do que outros, ainda mais adiantadas em cultura intelectual.

Em Briteiros, depois de aparecer, tiveram que passar por entre bastos grupos de lindas raparigas dos arredores, vestidas com os seus trajes domingueiros de cores vivas, ornada das suas grandes arracades e compridos cordões de ouro, d'onde pendem, como todos sabem, aquelles enormes corações ou cruzes de filigrana, que as vezes formam como que uma taboleta desde a garganta até ao ventre. Vimos já uma com 7 destes enormes artefactos. Trazião illas cestas de flores, que á porfia lançavam sobre aquelles homens que um desejo de scienzia levava alli.

O sr. Martins Sarmento fizera transportar para aquelle ponto todos os thesouros das suas explorações, e durante o curto periodo d'aquelle visita faziam-se conjecturas mil sobre os objectos que se viam, formando e mudando os sabios de opinião varias vezes em poucos instantes.

É que alli, como diz o sr. Cartailhac, ha com que alimentar a discussão de muitos congressos e muitos são os problemas a resolver. Nota se diferença de idade entre as duas citanias, parecendo a de Sabroso ser a mais antiga, pela ausencia de inscrições, e é inegavel quo os povos que deixaram aquelles vestigios são de uma época pre-roman, isto é anteriores ao estado de civilização que os romanos espalharam na peninsula, havendo porém na de Briteiros já influencia romana.

Dizer o que alli se viu era objecto da maxima importancia, o sr. Virchow reproduziu alguns objectos encontrados fazendo aproximações e conjecturas com o alto criterio de que é dotado.

O sr. Martins Sarmento tendo estudado profundamente todas as questões que se referem aos povos antigos, nomeadamente aos que estacionaram pelas regiões occidentaes, tem publicado, com o auxilio dos trabalhos dos sabios modernos que aproveita, rectifica, ou refuta com um criterio superior, varios trabalhos tendentes a esclarecer-as.

Ao congresso apresentou o seu opusculo intitulado *Os Lusitanos*, onde apresenta a sua opinião sobre a origem destes povos, até hoje pouco estudados.

Começa por dizer que por toda a parte a arqueologia encontra os celtas a entorpecer-lhe os passos. E certo porém que tudo o que sabemos d'aqueles povos mostra-nos a parte occidental da península estranha à sua ocupação e influencia. Tudo o que os antigos nos dizem dos usos e costumes dos lusitanos é diverso dos usos e costumes dos celtas, afirmado até Diodoro de Sicília que eram iberos e de carácter e indole inteiramente opposta aos celtiberos. Mas apesar disso os seus nomes étnicos e locais, os de individuos e de densas, que os historiadores geographos e monumentos epigráficos nos conservaram, tecem uma physionomia, segundo se crê, tão pronunciadamente céltica, que a Galécia, uma parte da Lusitania antiga, já foi alcunhada do berço dos celtas.

Fundado no testemunho de Avizeno, e outros, reconhece no sul da Inglaterra uns povos ligures, refugiados no interior à invasão dos celtas, que se devia ter operado pelo mar, e que os teria expulsado da sua antiga morada nas margens do Báltico.

Mas d'onde procederam os celtas? Combinando todos os dados dos escriptores, reconhece-se que, desceram das regiões hyperbóreas d'alem do Báltico, por motivos ignorados, cahiram sobre os ligures, que afugentaram e perseguiam, cujos restos foram acutar-se onde dissemos. Depois disto seguiram o caminho do Rheno, fazendo alto no interior da Gallia. Ali separa-se esta massa enorme de emigrantes. Uma parte fica por aquella região, outra segue capitaneada por Sigoveso para o nascente, na direção do bosque hercynio, outros bandos porem conduzidos por Beloveso descem para o sul ao longo do Rhodano.

Esta invasão tem o carácter d'uma irrupção de bárbaros, como seria a dos Cimbros se não embatesse na disciplina e ciência militar dos romanos, e parece ser, como que a vanguarda das futuras invasões que alagarão o mundo romano alguns tempos depois.

Dos bandos que seguiram para o nascente, alguns atravessam mais tarde a Pannonia, devastam a Macedonia e a Grécia e passam a Ásia Menor, onde são o terror das povoações. Dos que descem o Rhodano, uns assenhoreiam-se da parte da Galia, outros estendem-se pelo sul d'ella, penetrando na Hespanha, onde metade da península se levanta contra os invasores, que porfim tiveram de transigir com elles.

Os primeiros que invadiram o sul da Europa vem encontrar os phocenses em luta com os ligures, Salyos, a quem auxiliaram, pela identidade de intuições, na fundação de Marselha. Desandam depois para a Etruria, e estes novos bandos tocando o caminho são os que entram na Hespanha. Esta invasão deve ter-se efectuado entre os V e VI séculos anteriores à era christã.

Tendo os celtas encontrado grande resistência nos iberos do norte da Hespanha, ao cabo de aturados combates fraternizam, constituindo uma só nação, os celtiberos, fixando a sua residência nessa parte que se chamou Celberia, onde ficaram circumscritos.

Mas entre esta e a Lusitania encontram-se as poderosas tribus dos Oretanos, Carpetanos, Vetões etc., ficando por isso aqueles estranhos à invasão, de que talvez pouca notícia teriam.

E certo que uma tribo dirigindo-se para poente penetrou entre o Ama e o Tejo, vindo fixar-se n'esta parte da Lusitania, e n'isto concordam as asserções de Heródoto com as posteriores de Plínio.

Algumas d'estes bandos, célicos, mancomunados com os turdulos, fazem uma excursão para o norte, chegando até ao Lima, onde, desavindos, se combatem e destroem, indo as relíquias celtas domiciliar-se pelas imediações do promontório Nério.

Eis os únicos celtas que a historia nos aponta na Lusitania.

Mas como explicar a topónymia céltica, isto é a nomenclatura d'este largo trato de terra d'esde o Tejo até o mar cantábrico?

Admittir a infiltração insensível de elementos célicos, que escapam aos observadores, seria possível, mas como seria que um elemento tão imperceptível viria a preaver sobre os elementos pre-existentes? era preciso atribuir aos celtas a monomania de substituir os nomes existentes por outros seus, ou admittir uma condescendência nos povos indígenas, de se prestarem de bom grado à essa alteração, até nas partes que os primeiros não tinham invadido.

É pois preciso averiguar em que se funda a opinião que dá como célicos essas designações.

Na existência dos dolmens que eram atribuídos aos célicos, mas hoje está provado encontrarem-se em regiões onde elles nunca penetraram.

No seu parentesco com os dialectos ou lenguas chamadas neo-célicas faladas na Armorica, Grã-Bretanha e Hibernia. Mas sendo certo que a invasão celta só se verifica pelo V século, como foi que deixou substituir usos e costumes pre-existentes, e só mostra o seu encarniçamento contra a língua?

E o que se sabe das línguas faladas pelos celtas, e pelos povos pre-celtas do occidente para se afirmar que o erva, o gällico, o cambrico, o breto são línguas célicas?

Não ha dúvida que alguns nomes que os escriptores dão como célicos tem analogia com aquellas línguas; não serão antes essas designações e esses dialectos vestígios dos povos pre-celtas? Pela linguística só não se pôde decidir, resta averiguar a origem d'esses povos.

Por uma série de raciocínios e aproximações de textos, bastante condensados e difíceis de resumir chega o sr. Sarmento á conclusão de que os hyperbóreos de Heródoto e outros eram de origem grega, que a sua emigração do norte deu lugar á formação dos ligures, que estes portanto têm analogia com os gregos, que todos os caracteres d'estes povos são de uma raça indo-europeia, e que Astyrmidos, Hibernos, Campos, Cynetas etc. são ramos da mesma emigração arya. As lendas gregas comparadas ás das ilhas britânicas nos indicam a sua

marcha do sueste para o noroeste da Europa, mostrando-nos a arqueologia que se espalharam pelo noroeste da Hespanha, d'onde a historia recolheu algumas das suas interessantes tradições. A preferência dada pelo povo dos dolmens ao litoral e aos terrenos marginais dos rios, supõe as tendências d'um povo navegador, o que está em relação com o que os historiadores contam dos audazes marítimos d'estas regiões; e o povo dos dolmens já se viu que não era celta.

Estes e muitos outros fundamentos levam já muitos escriptores a considerar as designações indicadas, como provenientes dos povos pre-celtas, havendo perfeita afinidade entre os ligures, graci, selloi etc.

E sendo a Hespanha antes da invasão céltica habitada por uma infinitade de tribus, cujos usos e costumes são similares, como lusitanos, gallegos, asturos, cantabros, etc. e que conservaram os seus caracteres a despeito de todas as invasões e conquistas, são pois todos de uma mesma raça e têm perfeita afinidade com os ligures, e portanto são de origem arica.

São muito curiosas e bem assentes as discussões do autor e a serie de textos e argumentos por elle aduzidos e merece o seu trabalho a atenção dos eruditos.

(Continua)

1531, no tomo II das obras do bispo Pinheiro. Ali se lê que Torr'alva possuia em Belem casas de grande porte e capacidade; e que em setembro de 1531 estava concluído o templo e o mosteiro e capella-mór, para onde foram com toda a pompa trasladadas as reaes ossadas, conforme as estipulações de D. Manuel. No referido documento, cita-se Diogo de Torr'alva como mestre das obras de Belem, e n'essa qualidade, juntamente com Miguel Rodrigues, mestre das obras do mosteiro da Madre de Deus, entrou n'este convento a tomar conta dos ossos da rainha.

Depreende-se de tudo isto que o pedreiro piemonteze gosava de bastos créditos na corte portuguesa de então, os quais lhe eram mais que suficiente título para a collocação do seu retrato no monumento cuja fabrica concluiu; e que, devendo já ser maduro em idade quando a sua reputação, por certo sólida, o elevava a superintendente das obras de Belem em 1529, não teria em 1531 menos de 60 annos, podendo muito bem portanto a sua physionomia apresentar os víncos da velhice assignalados no busto da columna da entrada do cruzeiro.

E incontestável também, em face da obra acima citada em harmonia com o escripto a pag. 74 do tomo I.º da 2.ª serie do *Panorama*, que em 1531, dirigia Torr'alva o acabamento da capella-mór, ficando o templo rematado até setembro d'esse anno, com uma capella-mór no mesmo estylo dos outros corpos do monumento.

Como elemento biographico do celebre italiano, ainda nos ensina o já citado ms. de Paiva de Andrade que com o dinhei o que adquiriu fez dote a uma filha que casou com Vasco Gomes de Abreu, fidalgo illustre, neto de outro do mesmo nome, e de D. Joana d'Eça, abbadessa de Celas de Coimbra, e tere illustre geração.

A admirável obra d'arte que nos ocupa chega poi a ser interiormente acabada, á parte alguns pequenos accessórios decorativos, e só lhe faltavam as duas torres e o remate da fachada principal para que ficasse de todo completa e para que oferecesse á contemplação do espectador, suspenso de tantas bellezas, extraordinaria e originalissima epopeia petrifeita, segredo do mysterioso conjunto da interrupção na monotonia das longas linhas verticais, do arredondamento nas bases das columnas, da predominância da forma polygonal, particularmente oitavada, do rebatimento da ogiva nas voltas dos arcos e nos apoios das abobadas, e sobretudo do seu character symbolico em referência á época e propósito da edificação.

Mais tarde, como se reconhecesse que a capella-mór não comportava, por exigua em dimensões, a ostentosa opulencia das festividades religiosas, a rainha D. Catharina, viúva de D. João III, mandava a instancias das freiras reformadas. N'esta quadra de fanatismo intolerante não admira que se promulgasssem e fossem executados tão barbares decretos. Em 1537 principiava a demolição da antiga capella-mór, ao depois reedificada por João de Castilho com tanta profusão de marmores como carencia de logica e de gosto, pois ousou vandalicamente alinhavar em um edifício genuinamente nacional o mesquinho remendo de uma architectura de imitação. Esta reconstrução ver-

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

III

Disse no artigo anterior... talvez não dissesse, mas tinha tenções de dizer, que nos primeiros tempos do christianismo deslisou suave a infancia do diabo. Suave é um modo de dizer, porque desde o berço começou o infeliz a levar bofetões dos clérigos e até, como já notei, foi instituída uma ordem de tonsurados, com o fim especial de o correr a pontapés, onde quer que o encontrasse. Com tudo isso, elle foi crescendo, e sempre a fazer asneiras, cada vez mais; séculos depois, na idade-media, estava em plena e vigorosa mocidade. Ai Deus do céo! isso é que foi reinação! Estravagâncias que elle fez, partidas que lhe pregaram, nem são para se contar, que encheriam muitos volumes. Reinou bem, e por largo tempo, mesmo apesar dos frades de S. Francisco, que andavam sempre de volta com elle, mas dos quais parece que nunca fez grande caso. Ha coisa de um século, pouco mais, deu a philosophia a perseguir-o, a fazer-lhe troça, a desacreditá-lo, e o bom do homem, digo, o perro do diabo pegou de emagrecer, desgostar-se e fugir da boa sociedade; envelheceu, tornou-se idiota, ninguém hoje faz caso d'elle. Outro inimigo da alma, outro que eu não quero dizer, para me não chamar mal língua, é quem anda agora no galim. . calemo-nos.

Como sempre emburrei de coisas tristes, hei por bem affastar dos meus olhos o spectaculo desolador da desconsolada velhice de Satanaz.

Prefiro antes ocupar-me do nascimento de um priminho d'elle, chamado Eblis.

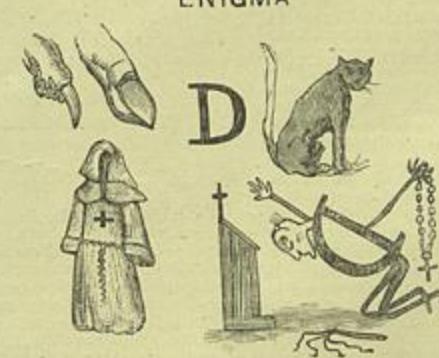
Sabe Deus e todo o mundo, que o Velho Testamento teve duas filhas, a mais nova das quais estabeleceu na Arabia, e chama-se a religião de Maometa. E' também geralmente sabido, que as duas irmãs não se podem ver uma á outra; são inimigas mortais e tanto, que até negam o parentesco. Pois nada mais facil de provar do que este: seja a mana mais nova, a tal mahometana, que venha primeiro dizer da sua justiça. Abramos o livro sagrado d'ella, o *Koran* palavra que significa leitura, e antepondo-se-lhe a particula a' diz o mesmo que «a leitura» isto é, o livro por excellencia. Tem muitos mais nomes ainda: chama-se el *kitabe*, o livro; *hitab-outlah*, livro de Deus; *kelimit-outlat*, palavra de Deus; *el tensil*, livro descido do alto; *el dhikir* admoestação; *el forkan*, distinção (entre o bem e o mal); *elmos haf*, o código por excellencia...

(Continua)

DELFIN D'ALMEIDA.

ARCHITECTOS DA BATALHA E DOS JERONYMOS

Fica, portanto, assente que o busto em medalhão, a que temos alludido, e que este periodico deu em gravura a pag. 40 do seu III volume, é verdadeiramente o retrato do italiano Torr'alva, e não de Boutaca como por ignorância se supunha. No tomo II das *Provas da Historia Genealogica*, vem reproduzida a *Transladação dos ossos de D. Manuel e de D. Maria*, etc., que havia sido primeiramente impressa em



Explicação do enigma do numero antecedente:
Cabra manca não tem sesta.

gonhosa só em 1572 terminava, fazendo então D. Catharina remover para o novo tumulo oca-daver de seu marido. Diogo Barbosa Machado diz a pag. 459 das suas *Memorias d'el-rei D Sebastião, tomo 3.*, que as obras dos Jeronymos se suspenderam, quando as rendas reaes se applicaram á fortificação dos logares de Africa: e isto explica talvez porque a fabrica da capella bastarda só estava concluida 15 annos depois da demolição da capella legitima.

A cerca d'esta demolição e reconstrucção pôde ser consultado o *Summario de varia historia*, de Ribeiro Guimaraes.

Servem as precedentes linhas em parte de esclarecimento, em parte de rectificação ao meu artigo anterior, que eu folgo de ver assim mutilado, enxertado e correcto, prova esta de que posteriormente á sua redacção se fizeram esforços, por sem duvida profícuos, para o desbastamento e definitiva lapidação da Verdade.

ABEL ACACIO.

NOTA

No nosso numero anterior fizemos duas pequenas observações ao correr da revisão, que ampliamos agora. Estamos persuadidos que Boutaca, era estrangeiro e naturalmente italiano. A maneira de o nomear sempre pelo apelido e não pelo nome proprio, como é estyo portuguez, assim o faz acreditar; se fosse portuguez chamar-se-lhe-hia mestre João, mestre Antonio, mestre Matheus, etc. e que Boutaca era appellido e não nome evidencia-se de não aparecer outro tal na nossa historia, e até por já termos encontrado nos registos de D. João III ou posteriores, um don- tor Faú Boutaca, de que temos spontâneo que não encontramos agora. O que é certo, é que mestre Boutaca, e outros mestres, eram apenas operarios e não architectos. Boutaca foi para Arzilia como mestre de carpinteria, provavelmente já no reinado de D. Manoel. E' de 1502 a 5 de Janeiro a carta de confirmação do assignado do Conde de Borba, que o fez cavaleiro pelo seu bom serviço alli, o que sucede a muitos outros; infelizmente a carta não inclue na integra o alvará do Conde, como é quasi sempre habitual, e por isso não sabemos quando isto foi passado, mas é de crer que fosse algum tempo antes e que o regresso do mestre da carpinteria a Lisboa, fosse pouco anterior aquella carta de confirmação.

Estamos persuadidos que nem Boutaca, nem Diogo e João de Castilho, nem Torralva, nem muitos outros eram mais do que mestres dos seus ofícios, o que bem denotam os pontos semelhantes das empreitadas de Belém, onde o seu jornal está marcado e assente junto aos dos operarios seus subordinados, como se pôde verificar na Torre do Tombo, e portanto irresponsáveis pelos defeitos do plano das obras que executaram, e só responsáveis pelo cincelado e assentamento.

Boutaca passou dep'is a mestre da pedraria, e como tal dirigiu varios trabalhos, e da mesma maneira que Castilho, e ainda outros de menos nomeada, na Batalha, Belém etc.

Sabendo nós que o projecto da Torre de Belém foi feito por Garcia de Resende, que Duarte de Armas, Hollanda etc. desenharam fortalezas e outras obras, aparte a proficiencia do ultimo, cremos que a obra dos Jeronymos não foi planeada por architecto nenhum. Uma falta de harmonia externa, em varios corpos salientes sem precisão, e a mesma capella mór, que foi mister desfazer p'lo seu acanhamento, estão denotando na falta de proporção a mão de curioso e não de homem de habilitações convenientes.

O contracto das obras do pago do trigo, Casa da Camara, audiencia, cidadã, aqüogues e outras em Setubal, celebrado entre o Amo d'El-rei e o mestre pedreiro Gil Fernandes, onde dizendo-se que a obra será enlegida segundo o risco feito, mas onde a cada parte d'ella se estão dando dimensões com a designação de pouco mais ou menos, ou como melhor parecer, denuncia que o que ainda se dá hoje na maior parte das obras particulares, e ainda não há muitos annos nas obras municipais, se deu por muito tempo no paiz com obras importunes.

Muito mais poderíamos acrescentar para ilustrar e esclarecer alguns pontos tocados pelo nosso dedicado collaborador, a quem agradecemos os seus novos estudos, pedindo nra releve estas observações lançadas a correr.



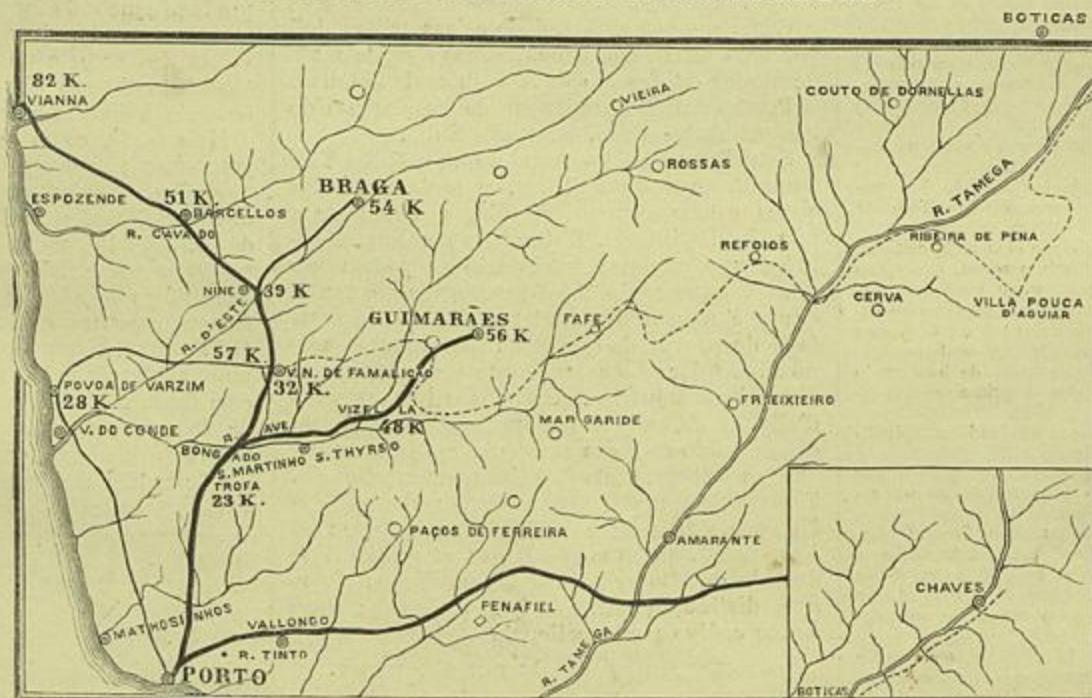
CARLOS GUITEAU — Autor do atentado contra o Presidente dos Estados Unidos

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ALJOFARES, poesias de A. Moreira de Vasconcellos, Rio de Janeiro, Typ. da Escola de Ser. film José Alves, editor, 83, rua Scte de Setembro; 8.º de 118 pag.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



CAMINHO DE FERRO DE BOUGADO A GUIMARAES

Este pequeno volume é-nos oferecido, pedindo-nos o autor a nossa opinião sobre o seu valor. Costumamos dala sempre, procurando ser justos, porque nenhuma preocupação nos cegam, especialmente neste lugar. Por isso curamos de ser sempre tão benevolos, quanto seja necessário para não disfarçar os defeitos reaes, nem desaninar o verdadeiro talento. O autor mostra possuí-lo, em grau avantajado, metriflita com facilidade, pensa com certa graça e ás vezes com vigor, mas falta-lhe ainda o perfeito conhecimento do seu instrumento. Pecca muito ainda pelo lado da linguagem, mostrando ter pouco tratado da língua, e por isso o seu

estilo resente-se. Como muitos dos novos autores brasileiros, e até portugueses, o que é peior, tem grande tendência para inventar termos, o que é uma prova de falta de vocabulário, falta que esconde ás vezes a verdadeira expressão do sentimento. Abusa um pouco das elisões, toleráveis nos poetas antigos, mas inadmissíveis na moderna poesia, e cae algumas vezes nuns certos desvios, muito vulgares na moderna escola, mas que nem por isso deixam de ser falta de gosto. Se todas as suas poesias corressem com a singeleza e naturalidade das que se intitulam *Sabes, Morta*, fora o seu volume um perfeito bijou. Mas quem escreve assim mostra que lhe falta só estudo dos bons modelos, tempo e limpa, tres coisas que hão de ser sempre o desespero das mediocridades, mas que aos verdadeiros talentos, como o do autor, não fazem senão acrescentar-lhe beleza, força e primor.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, *Economia política*, Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Românticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1881. — E' o 12.º folheto ou tratado d'esta utilissima publicação, e mantém na limpidez e facilidade da exposição os creditos que esta colleção tem sabido adquirir. Não ha talvez scienzia menos conhecida do publico do que a economia politica, e nenhuma, de cuja ignorancia os pamphletários e politiqueiros abusam tanto, para embair o povo com falsas apropriações, a fim de o fazer subscrever ás suas insinuações. E' pois um bom serviço ensinar-lhe principios e leis, que previnam contra as falsas excitações dos que querem abusar d'elle.

BIBLIOTHECA DE EDUCACAO E ENSINO, novo resumo da *História de Portugal*, aprovado pela Junta consultiva da instrucção publica, compilado segundo o ultimo programma oficial, e redigido de forma a poder servir para os exercícios de leitura nas escolas, por Francisco José Pedroso, professor normalista, etc. — É o vol. III de uma colleção de bons livros sobre todos os conhecimentos humanos, da empresa Ferreira de Brito, do Porto, e que se levanta contra a ignorância. Começando o volume com uma inexactil logo na primeira pagina, segue com muitas outras, e bastante secura de noções historicas, sendo apenas em algumas partes uma transformação do *Resumo da História de Portugal*, do *Manual encyclopédico* de Montevedre. Para ir contra a ignorância, venhos reproduzidas as effigies dos soberanos, com as armaduras caprichosas que lhes atribuiu Faria e Sousa e outros, sem carácter nenhum iconográfico, e hoje em livros de instrucção não é permitido falsear o mínimo acidente; tudo o que é inexacto deve ser despre-sado.

SOCIEDADE PROPAGADORA DE CONHECIMENTOS GEOGRAPHICO-AFRICANOS, *Boletim*. — Loanda, typ. do Mercantil, 1881. N.º 1, 1881, Janeiro — fevereiro, 1.º anno, folheto de 64 paginas. — É a publicação de uma sociedade d'aquele título, criada por iniciativa particular em Loanda, cuja reunião inicial foi celebrada a 30 de agosto do anno passado, e que depois de devidamente organizada já conta hoje mais de cem associados, sendo seu presidente o antigo e conhecidissimo facultativo de Angola, o sr. José Baptista de Oliveira. Publica este 1.º numero do Boletim a lista dos sócios, corpos gerentes, acta da referida sessão, e varios artigos sobre colonização, meteorologia, salubridade de Loanda, caminho de ferro d'Ambaca, insignia, sello e diploma da sociedade, necrologio de Alberto Fonseca, e outros que tornam interessante e útil esta publicação. Desejamos vida prospera a tão importante associação, cuja competência em assumtos africanos, deve vir a ser de primeira ordem.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.